

Fotojornalistas paraibanas: produção de presença e visibilidade¹

Andresa Thayane Alves da Costa²
Isabella Chianca Bessa Ribeiro Valle³
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

Este artigo elabora uma análise bibliográfica crítica, através de uma perspectiva de gênero, em relação a documentos públicos e acadêmicos que se debruçam a elencar as principais figuras presentes na história do fotojornalismo paraibano. Observamos de forma geral uma abordagem escassa e/ou superficial em relação à presença das mulheres fotojornalistas nesse cenário, exceto quando se tratam de pesquisas produzidas por autoras mulheres, focadas no intuito de avaliar criticamente o contexto em questão pelo viés do gênero. Para esta análise, aportamos a noção gumbrechtiana de produção de presença, para pensar sua importância na consolidação ampliada da fotografia pública (Mauad, 2015), sobretudo no que tange à construção de diversas historiografias possíveis, que escapam à hegemonia narrativa patriarcal e se dedicam, de forma complexa e aproximada, à produção de visibilidades alternativas.

Palavras-chave: fotojornalismo; fotógrafas; produção de presença; historiografia; visibilidade.

Introdução

Na sua dissertação de mestrado, intitulada *Experiências profissionais das mulheres fotojornalistas: uma questão de gênero*, Simone Tausz (2019) afirma que, historicamente, a profissão de fotojornalista tem sido construída como um lugar-comum masculinizado desde o século XX, quando começa a se consolidar, o que nos traz alguns pontos-chave a serem destacados na construção desta pesquisa. A autora busca esmiuçar o tema a partir de argumentos que abordam a divisão sexual do trabalho, as memórias e as experiências pessoais de mulheres fotojornalistas no mercado, através da cultura profissional.

A prática fotojornalística se insere na interseção de dois campos: a fotografia e o jornalismo. Sobre o jornalismo, Márcia Veiga (2010), também em sua dissertação de mestrado, intitulada *Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de*

¹ Trabalho apresentado no GP de Fotografia, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Jornalismo (UEPB). E-mail: andresa.costa@academico.ufpb.br.

³ Professora Doutora do Departamento de Comunicação (Decom) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: isabella.valle@academico.ufpb.br.

produção das notícias, destaca que o campo profissional se trata de uma prática permeada por padrões heteronormativos, que refletem perspectivas hegemônicas, destacando as relações de gênero na produção de notícias, nas escolhas das pautas e nas próprias abordagens dos profissionais e veículos. Essa ideia é corroborada por Fabiana Moraes (2022), no seu livro *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*, que reforça as relações de poder envolvendo desigualdades de gênero na própria concepção e prática consolidadas do jornalismo.

Sobre o campo fotográfico, Isabella Valle (2017), em sua tese de doutorado, intitulada *Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife*, destaca que a cultura da fotografia também é firmada nos padrões patriarcais, sendo a pessoa que fotografa uma figura emblematicamente masculinizada - o fotógrafo -, enquanto a fotógrafa é elaborada publicamente como um ser visto como incipiente ou ameaçador, por desviar da normatividade que coloca as mulheres frequentemente de forma objetificada diante das câmeras ou mesmo inadequadas a práticas que extrapolam os espaços privados, entre outras questões. Valle (2017) aponta silenciamentos e propõe uma historiografia da fotografia que articula as formações, trajetórias, pessoalidades e articulações coletivas das mulheres.

No artigo *Mulheres fotógrafas anos 80: narrativas sobre uma exposição dedicada a mulheres*, de Heloísa Nichele e Ronaldo Corrêa (2023), observa-se, na segunda metade da década de 1970, uma expansão da presença de mulheres no mercado fotográfico em diferentes segmentos da profissão. Pode-se dizer, no entanto, que boa parte dessa adesão se deve à também à luta pela institucionalização da fotografia como profissão no Brasil, a partir de instâncias federais reguladoras, e ao avanço do movimento feminista no País e suas considerações acerca do trabalho das mulheres.

De todo modo, de acordo com uma pesquisa realizada pelo *Women Photograph* (WP) já em 2022, mais de 90% da presença de profissionais da fotografia em redações e agências de notícias são ainda hoje de homens cisgêneros. Desse modo, a ausência de mulheres e outros sujeitos que contrariam a normatividade também é internacionalmente visibilizada pela pesquisa *The State of News Photography: Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age*, realizada pela Universidade de

Oxford e Stirling em parceria com o *World Press Photo Foundation* (2022). Com dados sobre fotojornalistas presentes em cem países, a pesquisa indica que em 2015 apenas 15% são mulheres em atuação, tornando evidente a desigualdade na ocupação dos espaços de agências e redações.

Assentamos esta pesquisa, então, na compreensão da existência de um cenário, no jornalismo, na fotografia e, logo, no fotojornalismo, que aponta a construção de uma fotografia pública⁴ pautada hegemonicamente pela presença masculina. Também identificamos, do mesmo modo e como consequência, uma historiografia do fotojornalismo marcada pelo viés da masculinidade, como apresentaremos a seguir.

Trata-se de uma dinâmica de forças e contra-forças, em que se destaca constantemente, ao longo de toda essa história, paralelamente, a movimentação de mulheres no intuito de inserção e reconhecimento de suas trajetórias - vidas e obras - como fotojornalistas. Queremos entender - e adentrar -, então, na construção deste cenário e fazer eco ao movimento de reconstrução discursiva, em que passamos a reverberar, construir e elaborar narrativas que promovem a visibilidade das mulheres atuantes e presentes, neste caso, no fotojornalismo paraibano, em uma retomada historiográfica de produção de presença⁵, que visa reparar seu apagamento documental e analítico do espaço público.

Exercícios historiográficos paraibanos

É inegável que ainda há muitas lacunas quando falamos sobre a vida e obra de mulheres na fotografia, assim como é visível a desigualdade de gênero na ocupação histórica dos espaços consolidados do fotojornalismo, resultante da falta de acesso e oportunidades, entre outras questões pungentes na cultura patriarcal. Contudo, sempre existiram mulheres que driblaram as normas e expectativas na produção do fotojornalismo que foram ocasionalmente mencionadas por autores homens e vêm sendo principal e oportunamente visibilizadas por autoras mulheres, em um movimento

4

Fotografia pública: segundo Ana Maria Mauad (2015), a fotografia pública é aquela que desempenha um papel importante na construção da opinião pública (meios de comunicação, Estado, etc). Desse modo, ela seria um dos importantes dispositivos visuais de conformação dos sentidos da história no mundo contemporâneo.

⁵ Produção de presença: segundo Hans Ulrich Gumbrecht (2010) a maneira como objetos (textos, obras de arte, experiências e etc) afetam nosso corpo e sentidos de maneira imediata e não apenas simbólica.

de pesquisa e publicização que reorganiza de forma crítica possíveis e diversas historiografias do fotojornalismo em múltiplos contextos, perspectivas e territórios.

Na Paraíba, cenário ao qual nos detemos, Bertrand Lira (1997) propõe, em seu livro intitulado *Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato*, uma espécie de levantamento dos fotógrafos atuantes no Estado entre 1980 a 1950. O autor identifica quem foi supostamente a primeira mulher atuando como fotógrafa na América Latina, Rosa Augusta, que possui nacionalidade desconhecida e que teria chegado à cidade de João Pessoa em 1895. O autor também cita no inventário a Theresa de Jesus Medeiros que iniciou na fotografia em 1932 mesmo ano em que a mulher conquistou o direito ao voto no Brasil.

O fotógrafo, escritor e médico paraibano Rodolfo Athayde (2016), em seu livro ensaio *Paraybas* reuniu cerca de 40 mulheres que se destacam na sociedade paraibana nas mais variadas vertentes, seja nas artes plásticas e visuais, literatura, fotografia, educação e outras, mas que possuem engajamento e relevância na sociedade paraibana. A fotojornalista Clara Lenira, que foi correspondente do Jornal O Norte (1908-1956) e também atuou no setor de Comunicação da Fundação Espaço Cultural (FUNESC) por 22 anos, é a única fotógrafa citada na coletânea, que possui edição especial e perfis poéticos elaborados e fotografados pelo autor.

Em sua tese de doutorado, intitulada *Fotojornalismo em Campina Grande/PB: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012*, Paulo Matias Figueiredo Jr (2016) se propõe a elaborar um levantamento de fotojornalistas na cidade paraibana de Campina Grande que atuaram nos jornais de 1980 a 2012. A pesquisa se baseia em relatos dos fotojornalistas e nas imagens produzidas e publicadas nos jornais da cidade, com foco na abertura e fechamento do Diário da Borborema (1960-2012), que pertencia aos diários associados e empregou muitos fotojornalistas na cidade. Ele cita a presença de mulheres apenas a partir de 2009, na virada tecnológica da fotografia analógica para a digital. São elas: Juliana Santos, Katherine Nóbrega e Nelsina Vitorino.

Louzy Rodrigues (2023), em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Bacharelado em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), intitulado *A representatividade das mulheres no fotojornalismo em Campina Grande - PB*, encontra as três mulheres mencionadas na tese supracitada de Figueiredo Jr (2016) e aprofunda a pesquisa sobre suas trajetórias. Ao realizar a construção dos perfis, a autora se debruça

sobre o processo delas como protagonistas no fotojornalismo paraibano e constata a falta de estrutura como um fator importante no incentivo e ampliação de seus trabalhos no fotojornalismo. Rodrigues (2023) destaca como a falta de confiança e valorização impacta na construção da autoestima e pode afetar as gerações futuras na construção de suas carreiras.

No mesmo ano, Andresa Costa (2023), também concluinte do Bacharelado em Jornalismo da UEPB, em seu TCC intitulado *Fotojornalistas paraibanos: memória, gênero e subjetividade* se debruça sobre o mesmo tema, com uma proposta de carácter biográfico sobre as fotojornalistas paraibanas que expande a visibilidade das trajetórias de ainda mais profissionais que atuam ou atuaram na área. Ganham documentação e destaque nomes como os de Bianca Liege, Jaciara Aires, Fabiana Veloso e Paizinha Lemos, além dos de Juliana Santos, Katherine Nóbrega e Nelsina Vitorino - já citadas na tese de Figueiredo Jr (2016) e no TCC de Rodrigues (2023) - e de Clara Lenira - já citada na publicação de Athayde (2016). O trabalho de Costa (2023) resulta em uma publicação híbrida de fotolivro, livro-reportagem e pesquisa monográfica, sendo a fotojornalista Clara Lenira especialmente homenageada no projeto.

Ainda em 2023, um resumo expandido publicado nos anais do Intercom Nordeste, realizado em Campina Grande, intitulado *Mulheres no fotojornalismo: uma análise do Jornal A União*, de autoria de Agda Aquino e Lara Ribeiro, empreende uma tentativa de correção ao exercício historiográfico de viés patriarcal. As autoras relatam a presença das fotógrafas Cristina Sassi, Laura Zago, Lena Vetorazzo, Nubia Renata, Tereza Duarte e Thayse Gomes presentes na história pública do fotojornalismo paraibano, explicitando criticamente a documentação incompleta já existente, especialmente no que diz respeito à visibilização das mulheres. O texto, apesar do carácter resumido, nos dá um importante apontamento ao investigar, através dos créditos, a autoria das fotografias publicadas pelo periódico estatal. Por meio de entrevistas feitas com as mulheres creditadas no jornal, observou-se que todas tinham formação superior, mas nenhuma se identificava como fotojornalista. A pesquisa também visibiliza o dado relevante que nenhuma delas foi remunerada pelas publicações.

Em consonância com apontamentos apresentados pela tese já mencionada de Isabella Valle (2017), realizada no cenário pernambucano, as autoras chegaram à

conclusão de que formação no ensino superior proporciona acesso às mulheres no fotojornalismo paraibano e, como desdobramento da pesquisa, foi publicado, nos anais do Intercom Nacional do mesmo ano, um artigo intitulado *A formação superior como forma de acesso das mulheres ao mercado profissional do fotojornalismo*, de Agda Aquino (2023), com base nesse cenário, sobre a importância do acesso ao ensino superior para a entrada das mulheres no mercado de trabalho do fotojornalismo, tradicionalmente ocupado por homens. O artigo também vai, de forma complementar, ao encontro das conclusões apresentadas no texto já citado de Nichele e Corrêa (2023), publicado no mesmo ano.

Produção de presença e visibilidade

Ao entrelaçar uma análise bibliográfica documental (sendo algumas delas também analíticas) sobre o tema, percebemos que é possível olhar para a história de forma diversa, movidos por motivações diversas. A costura que exercitamos neste texto abre espaço para empreendermos uma reflexão teórica e crítica sobre visibilidade e produção de presença, no que tange o viés de gênero. Observamos os contrapontos possíveis à cultura hegemônica patriarcal - que não só facilita maior acesso aos fotojornalistas homens, como dá mais visibilidade e destaque (quantitativo e qualitativo) aos seus trabalhos e suas trajetórias, normalmente em organizações discursivas assinadas por autores homens. Aqui, nos propomos a pensar a reversão dessa lógica, ao elaborarmos sobre as perspectivas e abordagens de mulheres pesquisadoras sobre vidas e obras de mulheres fotojornalistas paraibanas.

Em seu livro *Exuzilhar* (2019), a escritora e pesquisadora Cidinha Silva (2019) partilha sobre como o conhecimento acadêmico está preso numa encruzilhada de contradições e paradigmas, mas cabe aos pesquisadores construir esse novo campo de saberes epistemológicos através da ancestralidade, para a desconstrução e quebra de novas encruzilhadas acadêmicas.

Durante a Feira do Livro realizada em São Paulo, nos dias 14 a 22 de junho de 2025, a geógrafa e ativista norte-americana Ruth W. Gilmore enfatiza que cabe a nós utilizarmos nossos recursos de presença não apenas para mudar as instituições consolidadas no conservadorismo (como, segundo ela mesma, são as universidades), mas também para utilizá-las a favor de outros propósitos. O presente trabalho se une a

uma longa, complexa e diversa teia, no caminho de fortalecer o fotojornalismo como campo de pesquisa acadêmica, principalmente no que se propõe a colocar criticamente em pauta questões de gênero e sexualidade, entre outras, por muito tempo silenciadas.

A crença de uma prática reflexiva “pura” descolada de si é apenas uma estratégia que guarda tanto intenções como privilégios no campo quanto comporta uma boas doses de racismo e outros preconceitos mantidos escondidinhos por parte do campo acadêmico. Sem a reflexão sobre minha prática, este livro não existiria. (Moraes, 2021, p. 11.)

Segundo a historiadora Ana Maria Mauad (2015), os estudos sobre fotografia e história se entrelaçam ao difundirem que, ao se tornar pública, a fotografia possui uma função política para assegurar a transmissão de uma mensagem que dá visibilidade às estratégias de poder ou às disputas de poder. A fotografia pública, segundo a autora, seria responsável pelo agenciamento da memória pública, que registra, retém e projeta em seu contexto histórico uma versão dos acontecimentos.

Desde a formulação do conceito de “materialidade da comunicação”, em 1980, até posteriormente em suas investigações sobre alternativas metafísicas à cultura hermenêutica, predominante nas ciências humanas, Gumbrecht (2010) permaneceu em diálogo crítico em relação à incansável tentativa humana de atribuir sentidos ao fenômenos que analisa. Em seu livro *Produção de Presença* (2010) ele propõe a construir um diálogo não interpretativo que seja capaz de discutir a presença e seus efeitos.

O diálogo entre as obras *Produção de Presença* (Gumbrecht, 2010) e *Exuzilhar* (Silva, 2019) se dá através dos deslocamentos de sentido. Adotamos a proposta de interpretar a realidade por meio dessas encruzilhadas, que comunicam por suas escolhas de sentido e interpretação, que estão presentes na materialidade dos fatos documentados e comunicados pelas obras que aqui apresentamos como dados. Para Cidinha Silva (2019) a memória também é um caminho narrativo e descritivo da realidade e produz afetações.

Observamos que as formulações historiográficas que se abrem às fotojornalistas paraibanas, citadas neste texto, enquanto exercício de escrita (narrativo, discursivo e crítico), se integram a essas noções trazidas por Cidinha Silva (2019), Ruth W. Gilmore (2025), Fabiana Moraes (2021), Anamaria Mauad (2015) e Gumbrecht (2010). Nessa exuzilhada que é escolher um tema, uma perspectiva teórico-conceitual e

metodológica e escrever sobre alguma coisa, um dito objeto de pesquisa, sob questões e hipóteses que julgamos relevantes à sociedade, buscamos trazer à discussão acadêmica a produção de presença das fotojornalistas paraibanas, ao destacar formas alternativas, legítimas e politicamente conscientes e engajadas, de abordar documental e analiticamente o fotojornalismo paraibano, na conformação da nossa memória pública, pelas autoras acadêmicas aqui referenciadas.

Há um movimento voltado à ancestralidade - e à autoafirmação - quando retomamos, enquanto pesquisadoras do fotojornalismo, uma historiografia possível que promove visibilidade e adentra-se nas vozes de mulheres silenciadas pela história hegemônica.

Ao propormos a aplicação desse método de pesquisa percebe-se outra vertente nessa encruzilhada. Em seu último ensaio intitulado *O olho e o espírito*, Maurice Merleau-Ponty (1961) apresenta o processo do pintor, na produção de sua obra, como “a entrega de seu corpo” (p. 16). Para ele, é oferecendo seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura. No fotojornalismo, reconhecendo e falando da entrega de corpos que não estão conformados à masculinidade hegemônica, podemos promover uma historiografia da fotografia diversa e, ao mesmo tempo, compreender e sanar o local renegado às mulheres nos documentos paraibanos.

Conclusão

Perceber e promover a produção de presença das mulheres no fotojornalismo paraibano é um longo caminho que pode e vai ser percorrido de diversas formas, nessa encruzilhada, e que tem sido partilhado por pesquisadoras que se interessam pela fotografia, porém que compreendem a hegemonia patriarcal como um dispositivo de invisibilidade dessas fotógrafas, como se vê nas pesquisas citadas pelo presente trabalho - seja pelas ausências ou mesmo pelas abordagens superficiais.

Desse modo, ao escolher pesquisar o local do fotojornalismo como uma atividade constantemente atravessada por um processo de desigualdade de gênero, replicada pelo campo desde a sua origem, abre-se um movimento pedagógico e de conhecimento, produzido também na pesquisa acadêmica. Ele reverbera politicamente na complexificação da própria noção de fotografia pública, comprometida em pensar a

função pública para dentro de outros espaços, muitas vezes propositadamente não publicizados ou publicados ou mesmo acessados.

Contribuir para a produção de presença de mulheres no fotojornalismo paraibano é esse movimento desbravador, que apresenta cada vez mais nomes e se propõe a mergulhar na diversidade de histórias e experiências que caminham junto com esses nomes, no abrir-caminhos para outros imaginários e possíveis, principalmente no que diz respeito ao pertencimento, das mulheres que vieram e que virão, à prática e ao campo do fotojornalismo como um todo, através de uma reformulação historiográfica e de um assentamento na memória pública.

Sendo assim, ao olhar para esses percursos documentais e analíticos traçados por pesquisadores e pesquisadoras, não apenas vemos operando os vieses patriarcais presentes e naturalizados em discursos hegemônicos - nunca neutros -, como podemos trazer para o debate a questão de gênero, visibilizando seguranças, pertencimentos e projeções diversas, que constroem narrativas de uma história pública cheia de camadas do fotojornalismo paraibano.

A produção de presença que afirmamos, nesse caso, promove então novas retomadas e assentamentos. Nos livros de Lira (1997) e Athayde (2016) e também na tese de Figueiredo Jr (2016) podemos observar escolhas que comunicam e reforçam essa invisibilidade neutralizada. Esse paradigma é discutido por Merleau-Ponty (2013) em sua tentativa de rebater o reducionismo proporcionado pelo fenômeno da racionalização da realidade que coloca a experiência como um conceito abstrato. Para o autor o que se mostra (o sensível) e o que o que pode se perceber sensivelmente (o efeito que se produz no sujeito), nesse caso o que essa ausência comunica e a motivação afetuosa da produção de uma abordagem para documentar a presença das fotojornalistas.

Desse modo, propomos construir uma abordagem historiográfica sensível do fotojornalismo paraibano, através da visibilização da produção de presença construída e elaborada por pesquisadoras engajadas com as questões e reparações de gênero. Compreendemos que somente através dessa produção cria-se uma nova encruzilhada pedagógica do conhecimento e enfrenta-se esse apagamento. Almeja-se dar uma forma documental alternativa e crítica à corporalidade desse olhar, para a construção de uma memória diversa.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIAUVA, S. **Elas resistem: os desafios enfrentados por mulheres fotojornalistas no Brasil.** Disponível em: <<https://agenciauva.net/2022/07/12/elas-resistem-os-desafios-enfrentados-por-mulheres-fotojornalistas-no-brasil/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **A formação superior como forma de acesso das mulheres ao mercado profissional do fotojornalismo.** In: 23º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, PUC/MG. Anais. Belo Horizonte: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202323590864dd8cfc88882.pdf Acesso em 07 de junho de 2025.

AQUINO, Agda; Ribeiro, Lara. **Mulheres no Fotojornalismo: análise do jornal A União.** In: 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2023, Campina Grande. Anais. Campina Grande: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023. Disponível em: [0519202310510664677eca009e0.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202323590864dd8cfc88882.pdf). Acesso em 12 de junho de 2025.

COSTA, Andresa . **Fotojornalistas paraibanas: memória, gênero e subjetividade.** Relatório de produção e execução (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/32702>. Acesso em 17 de junho de 2025.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e seus subtextos.** In: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020, pp. 26 - 47.

FARAH, G. **‘Não podemos domesticar o fascismo’, diz a ativista antiprisional Ruth Wilson Gilmore.** Disponível em: <<https://quatrocincoum.com.br/noticias/editora-451/nao-podemos-domesticar-o-fascismo-diz-a-ativista-antiprisional-ruth-wilson-gilmore/>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FIGUEIREDO JR, Paulo Matias. **Fotojornalismo em Campina Grande/PB: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012.** 2016. 454 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/25a8c4fa-6016-4e3c-b396-0525fd601807>. Acesso em 18 de junho de 2025.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **O campo não hermenêutico ou a materialidade dos meios de comunicação.** In: Cadernos do Mestrado/Literatura, UERJ, n. 5, p. 18- 27, 1993

LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850/1950).** João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

MAUAD, Ana. Maria. 01 **Fotografia pública e cultura visual, em perspectiva histórica.** *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 2, n. 2, 2015.

MERLEAU-Ponty. **O olho e o espírito.** São Paulo: Cosac Naify, 2013c. (Coleção Cosac Naif Portátil).

RODRIGUES, Louyz Lourranna Sousa. **A representatividade das mulheres no fotojornalismo em Campina Grande - PB.** Monografia (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2023. Disponível em:
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/30496>. Acesso em 16 de junho de 2025

VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife.** Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.